

EDUCAÇÃO SEXUAL E DOCÊNCIA: DESAFIOS E PRÁTICAS HOMOFÓBICAS NA ESCOLA

*Eixo Temático ET 19- Gênero e Sexualidade na Escola: Novas Ameaças,
Enfrentamentos e Possibilidades de Resistências.*

Eugèrbia Paula da Rocha¹
Elânia Francisca da Silva²
Elaine de Jesus Souza³

RESUMO

As práticas homofóbicas constituem preconceitos e discriminações perpetradas, de modo sutil e/ou manifesto, contra indivíduos que destoam do padrão heteronormativo, ocasionando a exclusão da diversidade sexual no espaço escolar. O principal objetivo foi problematizar enunciados de docentes acerca de práticas homofóbicas na escola, observando os principais empecilhos para a incorporação da Educação Sexual. Analisamos as entrevistas semiestruturadas de alguns/mas docentes por meio da análise foucaultiana do discurso. Diante da análise, evidenciamos que os/as docentes não (re)conhecem a diversidade sexual e as práticas homofóbicas na escola, sobretudo em decorrência de empecilhos formativos e religiosos-fundamentalistas.

Palavras-chave: Homofobia, Educação Sexual, Docente, Escola.

INTRODUÇÃO

Homofobia e diversidade sexual ainda são temáticas invisibilizadas nos espaços escolares. Embora a escola constitua um ambiente de encontro da diversidade, (re)produz desigualdades, ao invés de acolher as diferenças, o que evidencia a necessidade de incorporação da Educação Sexual como um processo contínuo e planejado, por meio de abordagens e aprendizados sobre sexualidade, corpo, gênero, identidades, diversidade sexual, visando desconstruir preconceitos e discriminações, principais munições da homofobia. Pois, muitas vezes, quem vivencia sua sexualidade

¹ Mestranda em Educação, pela universidade Federal de Rio Grande (FURG), bolsista CAPES, eugerbipaula@gmail.com.

² Mestranda Interdisciplinar em Cinema pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), elania964@gmail.com.

³ Professora orientadora, Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Professora Adjunta do Instituto de Formação de Educadores (IFE) da Universidade Federal do Cariri (UFCA), elaine.souza@ufca.edu.br.

de uma forma diferenciada da heteronormatividade, sofre agressões físicas e/ou verbais, na família, escola e, em outros espaços sociais.

Nessa perspectiva, a diversidade sexual compreende diferentes expressões e vivências de sexualidade e de gênero, englobando as identidades sexuais – homossexuais, heterossexuais, bissexuais, assexuais – e de gênero – travestis, transexuais (LOURO, 1997; SOUZA; SILVA; SANTOS, 2017). Cabe destacar que o termo homofobia não se restringe às violências físicas, pois engloba agressões psicológicas, preconceitos e discriminações perpetrados contra a Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais (LGBT) e outras formas de diversidade sexual, devido a comportamentos e vivências divergentes dos padrões heteronormativos (JUNQUEIRA, 2009) Os preconceitos consistem em percepções mentais negativas que ocasionam pré-julgamentos contra indivíduos e grupos socialmente inferiorizados, expressos de modo sutil e/ou manifesto, resultando em discriminações, ou seja, na materialização dos preconceitos (LIMA, 2011; SOUZA; SILVA; SANTOS, 2017).

No cenário regional, o Grupo Gay da Bahia⁴ destaca que “o Ceará é o quarto estado que mais mata gays, travestis, transexuais”, a manchete explicita que, em 2017, 30 pessoas da comunidade LGBT – lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais – foram assassinadas em crimes ocasionados em decorrência da homofobia. Segundo a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), o Ceará é o segundo estado do país em assassinato de pessoas Trans, apontando 11 vítimas de homicídios em 2019 (BENEVIDES, B. G.; NOGUEIRA, 2020).

Nessa ótica, faz-se necessário problematizar, refletir e disseminar (in)formações acerca da diversidade sexual, dar visibilidade aos sujeitos, frequentemente, marginalizados e excluídos em espaços sociais, como a escola, visando combater a violência homofóbica em todas as suas nuances. Assim, esse trabalho teve como principal objetivo: problematizar enunciados de docentes acerca de práticas homofóbicas na escola, observando os principais empecilhos para a incorporação da Educação Sexual.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/ceara-e-o-quarto-estado-que-mais-mata-gays-travestis-e-transexuais.ghtml>. Acesso 17 jan. 2020.

Este trabalho constitui um recorte de uma pesquisa qualitativa mais abrangente acerca da Educação Sexual, desenvolvida com docentes da rede pública de ensino de cinco escolas nos municípios de Brejo Santo-CE e Porteiras-CE. Aqui analisaremos as entrevistas semiestruturadas de alguns/mas docentes por meio da análise foucaultiana do discurso. Os/as docentes foram escolhidos/as aleatoriamente de acordo com a disponibilidade de cada um/a e, de disciplinas variadas: Química, Geografia, Português, Inglês, Sociologia.

Para a produção do material investigativo, foram realizadas entrevistas semiestruturadas envolvendo conceitos, vivências escolares, limites, possibilidades e metodologias utilizadas pelos/as docentes. Vale ressaltar que os procedimentos éticos percorreram todo o percurso da pesquisa, desde a definição do objeto de estudo, relevância da problemática, até a elaboração e organização da pesquisa. Como procedimento analítico foi realizado a análise foucaultiana do discurso,

PROBLEMATIZAÇÕES ACERCA DA HOMOFOBIA NA ESCOLA

A partir dos estudos foucaultianos foi feita uma análise para problematizar saberes e práticas na Educação Sexual, visando analisar o entendimento dos/as docentes acerca de preconceitos observados no âmbito educacional e sociocultural. Com efeito, o quadro apresenta fragmentos de falas de docentes entrevistados/as relacionados à (des)construção de preconceitos que compõem a homofobia no espaço escolar.

Pesquisadora: Vivemos em uma sociedade tradicionalista, machista e homofóbica presa aos tabus. Você como educador/a, quando se depara com situações de preconceitos e discriminações tanto em sala como outras dependências da escola, como articula seus conhecimentos para amenizar ou desconstruir esses preconceitos?

Pedro: A gente tenta orientar que as pessoas são iguais, talvez tenha esta questão da opção sexual [...] não é algo que venha a ser algo diferente, mesmo considerando os princípios religiosos que tenho [...] É uma opção de cada um. (Prof. de Inglês, 22/08/2019)

Alice: Preconceito é algo diário sabe, a gente tenta combater. A gente convida para reflexão, é uma luta diária, em tudo que você imaginar [...] Estou sendo testada de todos os modos em relação a tudo que diz respeito à empatia social, a entender a diversidade, esse conflito de pensamento, de opiniões. (Profa. de Sociologia, 02/09/2019)

Carlos: [...] A Educação Sexual é pouquíssima trabalhada nas escolas, por vários motivos: questões religiosas, morais e tradicionalismo. (Prof. De História, 22/08/2019)

Valesca: Seria muito mais fácil para os professores da área de humanas, ciências/biologia. [...] Dinâmicas de aceitação envolvendo respeito, amizade, pra ver se desmitifica a ideia de fulano ser diferente por ser homossexual ou alguma coisa assim [...] todo mundo é igual independente de gênero, de religiosidade, de cor. Nós somos iguais e devemos respeitar as diversidades, respeito acima de tudo. (Profa. de Português, 02/09/2019)

Caio: Não, existem aquelas brincadeiras, o bullying [...] mas, quando uma vez perdida acontece um apelido ou brincadeira, eu gosto de chamar aquele aluno que brincou, e o que sofreu a brincadeira,



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

conversar, *explicar que não é bôcãna, não é legal e pode ferir o outro* com aquela palavra, uma brincadeira errada *pode dar um transtorno no futuro [...] São mais brincadeiras, um chama o outro de viado, sapatão.* (Prof. de Química, 30/08/2019)

(Entrevistas Semiestruturadas com docentes da Educação Básica)

Quando Pedro destaca “*orientar que as pessoas são iguais*”, esse enunciado contradiz o contexto sociocultural que marginaliza os indivíduos destoantes do padrão heteronormativo, pois ao fazer uma análise histórica, a homossexualidade foi estabelecida como norma e a homossexualidade tida como subordinada vista por muitos/as como desviante. Nesse sentido, Foucault (2017) aponta a relevância de escapar dessa categorização “homossexualidade-heterossexualidade”, ao evidenciar “que uma abordagem interessante seria fazer com que o prazer da relação sexual escape do campo normativo da sexualidade e de suas categorias, e por isso mesmo fazer do prazer o ponto de cristalização de uma nova cultura.” (FOUCAULT, 2017, p.120). Nesse raciocínio, Foucault (2017, p.122) enfatiza a necessidade de “reconhecimento pelos próprios indivíduos desse tipo de relação, [...] para inventar novos modos de vida.”

Ao afirmar que não é “*algo diferente*”, mesmo considerando os “*princípios religiosos*” apoia-se em um discurso religioso-fundamentalista, alicerçado em dogmas e na crença de uma interpretação literal de livros sagrados, que invisibiliza a diversidade e limita a incorporação da Educação sexual na escola, contribuindo com a manutenção de preconceitos inseridos nas práticas homofóbicas que permeiam o espaço escolar. Ademais, ao utilizar o termo “*opção sexual*” para se referir à sexualidade, evidencia-se desconhecimento sobre a temática, pois a sexualidade não é uma opção que depende exclusivamente da vontade do indivíduo, como uma deliberação consciente. É necessário desconstruir essa ideia de “opção sexual” que fortalece um tipo de preconceito sutil disseminado na sociedade (SILVA, JÚNIOR, 2010), sendo mais coerente compreender que a homossexualidade se refere à orientação afetivo-sexual e o homossexual constitui uma identidade sexual.

Alice enuncia que “*o preconceito é algo diário* e, por conseguinte, sua desconstrução demanda “*uma luta diária*”. Nesse olhar, vale enfatizar que o preconceito se expressa cotidianamente por meio de distintos discursos, de forma sutil ou manifesta, contra indivíduos que não se enquadram nas normas sociais. Destarte, esses protótipos e discursos vigentes que ditam regras sobre as sexualidades demandam um incansável exercício de problematização, sobretudo no espaço escolar, o que sugere a necessidade

de examinar esquemas sociais hierárquicos e promover uma reeducação por meio da reflexão e reconhecimento das diferenças, visando desconstruir discursos fundamentalistas para desnudar-se de crenças, interditos e doutrinas que reforçam preconceitos (LOURO, 2009).

Junqueira (2009) indica que uma das possibilidades de combater a homofobia nas escolas consiste na promoção efetiva de um espaço para a crítica reflexão e reconsideração contínua e permanente do trabalho dos indivíduos e da sociedade sobre si mesmos. Quando a participante Alice menciona o “*conflito de pensamento e opiniões*” para “*entender a diversidade*” sinaliza a presença marcante no espaço escolar de discursos essencialistas e fundamentalistas pautados em determinismos biológicos, que reforçam rótulos, prescrições e a heteronormatividade. Por outro lado, também destaca que a empatia social seria uma possibilidade de reconhecer a diversidade para formar uma sociedade mais justa e igualitária.

O participante Carlos adverte que “*a Educação Sexual é pouquíssima trabalhada nas escolas, por vários motivos como: questões religiosas, morais e tradicionalismo*”. Nesse contexto, incorporar a Educação Sexual nas escolas, para desconstruir preconceitos acerca da diversidade sexual, embora seja urgente, ainda constitui um desafio. Para Furlani (2008a), a Educação Sexual é tida como invisível aos olhos da escola, pois, além da sociedade agir de forma conservadora, a religião predomina nos corredores escolares, tornando um dos fatores que contribui para a sexualidade ser debatida de maneira limitada a uma abordagem biológico-higienista.

A fala da participante Valesca “*seria muito mais fácil para os professores da área de humanas, ciências/biologia*” evidencia que a maioria dos cursos de licenciatura não aborda as temáticas da Educação Sexual. De acordo com Furlani (2008b), as discussões sobre sexualidade humana costumam estar restritas às aulas e livros didáticos de Ciências, com ênfase no corpo humano e nos sistemas “reprodutores” masculino e feminino. Todavia, muitas escolas ao assumirem a transversalidade, aliam ao livro didático de Ciências, outros artefatos como os livros paradidáticos, que constituem as pedagogias e os currículos, produzindo conhecimentos e identidades culturais.

Além disso, o enunciado “*nós somos iguais e devemos respeitar as diversidades*”, costuma compor discursos moralistas do “politicamente correto”, denotando uma concepção simplista de que respeitar o “outro” (nesse caso, a diversidade sexual) seria um gesto humanitário, expressão de gentileza e tolerância. Entretanto, essa

ideia de “respeito/tolerância aos/as diferenças” mantém e até reforça hierarquias, relações de poder e a heteronormatividade. Algumas pessoas para camuflarem os distintos graus de preconceitos adotam uma postura de tolerância, respeito e compaixão em relação aos “diferentes” como se estes precisassem de uma autorização para existir. Assim, vão sendo construídas, sobretudo na escola, binarismos “tolerantes/tolerados/as” e dominados/dominantes que se traduzem em relações de poder e sistemas sofisticados de hierarquização (PRADO; JUNQUEIRA, 2011).

A fala de Caio apresenta contradições, ao afirmar que “*não existem aquelas brincadeiras, o bullying*” e, em seguida, exemplificar “*são mais brincadeiras, um chama o outro de viado, sapatão*”, sinalizando a frequente banalização de práticas homofóbicas “sutis”, ou seja, na forma de “brincadeirinhas” e/ou apelidos pejorativos. A homofobia no espaço escolar/*bullying* homofóbico engloba uma “pedagogia do insulto”. Esta é veiculada por meio de brincadeiras, jogos, piadas, apelidos pejorativos, humilhações, ameaças, mecanismos que têm o poder de silenciamento, dominação simbólica, normalização, marginalização e exclusão da diversidade sexual no espaço escolar, onde deveria ser vista como uma forma de reafirmar a pluralidade democrática (LOURO, 1997; PRADO; JUNQUEIRA, 2011), ocasionando diversas consequências na vida dos/as jovens LGBT.

CONCLUSÕES TRANSITÓRIAS

Diante de uma análise parcial das entrevistas, observamos que os/as docentes não (re)conhecem a diversidade sexual e as práticas homofóbicas na escola, sobretudo em decorrência de empecilhos formativos e religiosos-fundamentalistas. Nessa direção, enfatizamos a relevância de abordagens socioculturais da Educação Sexual em cursos de Licenciatura, bem como, a necessidade de desenvolver projetos e metodologias didáticas, buscando parcerias entre escolas e universidades, que possibilite a disseminação de aprendizados e vivências acerca da diversidade sexual, estimulando a discussão, contínua e sistemática, nos espaços escolares para, efetivamente, combater práticas homofóbicas sutis e/ou manifestas.

AGRADECIMENTOS E APOIOS

Tendo em vista que o trabalho foi realizado na graduação em Licenciatura em Biologia, pelo Instituto Formação de Educadores (IFE). Agradecemos o apoio da Pró-reitora de Pesquisa e Inovação (PRPI/UFCA) e a Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP) pela concessão de bolsas de pesquisa para a realização deste trabalho.

REFERÊNCIAS

BENEVIDES, B. G.; NOGUEIRA, S. N. B. (Orgs.). **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2019**. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2020.

FOUCAULT, M. **Ética, Sexualidade e Política**. Organização de Manoel Barros da Motta. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017. (Coleção Ditos & Escritos V).

FURLANI, J. Educação Sexual — quando a articulação de múltiplos discursos possibilita sua inclusão curricular. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 26, n. 1, 283-317, jan./jun. 2008a.

FURLANI, J. Gênero e sexualidade nos materiais didáticos e paradidáticos. **Rev. Salto para o futuro Ano XVIII - Boletim 26 - Novembro de 2008b**.

LIMA, M. E. O. Preconceito. In: A. R. R., Torres et al. (Orgs.). **Psicologia Social: Temas e teorias**. Brasília: Technopolitik, 2011, p.451-500.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997. 179 p.

PRADO, M. A. M.; JUNQUEIRA, R. D. Homofobia, hierarquização e humilhação social. In: VENTURI, G.; BOKANY, V. (Orgs.) **Diversidade sexual e homofobia no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011, p.51-71.

SILVA JUNIOR, J. A. **Rompendo a mordaza: representações sociais de professores e professoras do ensino médio sobre homossexualidade**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, USP, São Paulo, 2010.